

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p. 7

<sup>22</sup> Esse primeiro cavaleiro, do cavalo branco, com coroa e "vencedor", representaria o próprio Cristo, segundo a explicação do c. 19,11-16, mas é difícil conciliar essa identificação com a dos três cavaleiros restantes. A não ser que o identifiquemos, sim, com a sua contrafação, o anti-Cristo... Cf a esclarecedora Nota da TEB, explicando Ap 6,2

<sup>23</sup> Expressão de Carlos MESTERS, como título do seu apreciado pequeno comentário: *Esperança de um povo que luta. O Apocalipse de São João - uma chave de leitura*, Ed. Paulinas, SP, muitas reimpressões, sem data

Endereço do Autor:

ITESC- Caixa Postal 5041  
88040-970 FLORIANÓPOLIS - SC

Fraternidade e Política

## A Misericórdia, Fonte de Justiça e de Paz

Pe. Dr. Manoel João Francisco  
Professor de Teologia Litúrgica

O papa JOÃO PAULO II, na Encíclica *Dives in Misericordia*, de 1980, afirma que "a misericórdia é a fonte mais profunda da justiça" (DM 91). Pensei por isso partilhar com os leitores de ENCONTROS TEOLÓGICOS algumas reflexões sobre a virtude da misericórdia que, como lembra o Papa, na mesma Encíclica, parece causar mal-estar ao homem de hoje, principalmente no campo da política (DM 8).

Misericórdia, é bom sublinhar, não é mera compaixão, mas, como escreve Jon SOBRINO, "um grande amor, um amor real e incondicional, um amor primeiro e último que transcende tudo, que corre qualquer risco pessoal e institucional, para atender o ferido no caminho" (cf a parábola do Samaritano, em Lc 10, 29-37). Ainda segundo SOBRINO, ter misericórdia é optar pela vida. "Uma opção não apenas preferencial, mas primordial, que configura a vida inteira, a mente e o coração"<sup>1</sup>.

A misericórdia assim entendida exige e provoca uma ação de justiça e de fraternidade, pois, como já foi dito, ela é "em certo sentido, a mais perfeita encarnação de igualdade entre os homens e, por conseguinte, também encarnação mais perfeita da justiça... A misericórdia torna-se, assim, um elemento indispensável para dar forma às relações mútuas entre os homens, num espírito do mais profundo respeito por aquilo que é humano e pela fraternidade recíproca" (DM 92.93.94).

A palavra hebraica para designar misericórdia, no sentido de compaixão e ternura, *rahamim*, tem sua raiz numa outra que indica o útero materno, *rehem*. Misericórdia é, portanto, o amor de mãe que Deus tem para com seus filhos, os seres humanos. A mãe, sem desprezar nenhum

dos filhos, dispensa maior atenção e cuidado aos mais frágeis. Isto explica a parcialidade de Deus em favor dos pobres e oprimidos.

Deus, no seu amor de misericórdia, vê a miséria do povo, ouve o seu clamor e o liberta da escravidão no Egito (cf Ex 3,7); perdoa Israel e faz de um "não-povo", o seu povo, da "não-amada", a sua esposa, "amada" (hebr. *ruhamah*, amada com ternura compassiva), realizando um novo Êxodo (Os 2,25).

Como Deus, também a Igreja, movida pela misericórdia, constata o "clamor surdo, mas sempre mais claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador" que brota de muitas bocas, mas especialmente, entre nós, das bocas de 32 milhões de irmãos brasileiros que vivem em situação de "pobreza desumana", de "injustiça institucionalizada" e de "permanente violação da dignidade da pessoa humana".

A misericórdia sempre tende a ser eficaz. Por isso busca todas as mediações práticas que possibilitem a concretização desta eficácia. Neste ponto a misericórdia se transforma em Justiça e se empenha na construção de um mundo onde a verdade vença a mentira; a vida, a morte e a fraternidade, a opressão.

A misericórdia é a reação mais adequada e necessária ante o mundo sofredor. Sem misericórdia não haverá compreensão de Deus, nem de Jesus, nem do ser humano. Por misericórdia e somente por misericórdia Deus se aproxima do seu povo que pena envergonhado e acabrunhado sob o peso dos pecados pessoais e estruturais.

Movido de misericórdia, o pai do filho pródigo restituiu ao filho a dignidade de filho e de irmão (cf Lc 15,11-32).

*"A misericórdia  
sempre tende  
a ser eficaz"*

O exemplo perfeito de pessoa humana, segundo Jesus, é o Samaritano que, movido de misericórdia, socorre o necessitado à margem do caminho (cf Lc 10,29-37). A misericórdia é também a atitude que antecede qualquer decisão pela construção do Reino. Como opção primordial ela configura a vida inteira: a mente e o coração, a prática e a oração. Como princípio totalizante ela deve ser mantida permanentemente, e não pode ser trivializada em nome da escatologia ou da plenitude da vida cristã.

Partindo da atitude de Jesus - "*misereor, tenho compaixão deste povo*" (Mc 8,2) - o cristão não pode camuflar nem ideologizar a dor dos pobres, mas é sua missão denunciar e desmascarar os mecanismos de corrupção e exploração. No entanto, porque movido por "entranhas de misericórdia", o cristão não pode fechar o futuro ao corruptor e ao explorador. O cristão, em meio ao conflito, procura sempre caminhos de perdão, pois como afirma, de forma inspirada, JOÃO PAULO II, "um mundo no qual se eliminasse o perdão seria apenas um mundo de justiça fria e irrespeitosa, em nome do qual cada um reivindicaria os próprios direitos em relação aos demais" (DM 95).

"Sem dúvida, a situação de dor causa indignação e cólera contra os opressores, como causou nos profetas e em Jesus. Porém, não é a cólera o primeiro motor da ação jesuânica, mas sim a misericórdia: "*misereor, tenho compaixão deste povo*" (Mc 8,2). Esta misericórdia é a que deve informar inclusive a denúncia profética, a qual não é mitigada por aquela, como mostra o caso de Mons. ROMERO. Ela assim se converte num grande ato de amor, para com os pobres em primeiro lugar, pois se procura defendê-los; e para com os opressores em segundo lugar, enquanto convite à conversão, e mesmo "boa notícia", embora aparentemente, para eles, não boa<sup>2</sup>.

A justiça cuja fonte é a misericórdia não se identifica com a justiça retributiva, mas com a Justiça enquanto concretização do amor. A justiça que brota da misericórdia exige que se dê a cada um não só o que lhe pertence, mas que se busque eficazmente humanizar tanto a vítima quanto o carrasco. "Fazer justiça" é fazer o homem novo, embora sua concretização seja diferente, segundo os casos.

Se a desumanização do homem provém do mau uso do poder, a misericórdia se concretizará na denúncia da opressão e no convite à conversão, na ameaça e no castigo ao opressor. O que motiva a denúncia e o castigo não é o ódio, nem o desejo de vingança, mas um profundo desejo de salvação da parte de quem tem "entranhas de misericórdia". Como lembra o Papa, "em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, nem mesmo a misericórdia como sua fonte,

significa indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada, ou o ultraje feito. Em todos esses casos, a reparação do mal e do escândalo, o ressarcimento do prejuízo causado e a satisfação pela ofensa feita são condição do perdão. Assim, a estrutura fundamental da justiça penetra sempre no

*"Quanto mais  
e experimentou a  
misericórdia e o  
amor de Deus,  
tanto mais  
misericordioso e  
compreensivo se  
há de ser"*

campo da misericórdia. Esta, no entanto, tem o condão de conferir à justiça um conteúdo novo, que se exprime no modo mais simples e pleno do perdão (DM 97-98).

Se a desumanização for consequência da opressão sofrida, a misericórdia se manifestará na solidariedade e no assumir a causa e o destino do oprimido.

A fonte da misericórdia é Deus, que *não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva* (Ez 18,23.32; 33,11; 2Pd 3,9). Para ser fiel a Deus, o ser humano deve adquirir uma afinidade com ele. Destarte, ser fiel a Deus, fonte de misericórdia, é pôr em prática o convite: *Sede misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso!* (Lc 6,36). Por isso o

cristão, diante do mundo que sofre, não se deixa levar pela cólera, muito menos pelo ódio, mas se enche de misericórdia e jamais exclui, do seu perdão e do seu amor, o adversário. Esta afinidade, no entanto, só se alcança a partir de uma experiência de pobreza e impotência diante do pecado pessoal e estrutural, acompanhada da experiência do amor e da misericórdia de Deus em nosso favor. Quanto mais se experimentou a misericórdia e o amor de Deus, tanto mais misericordioso e compreensivo se há de ser diante da miséria e do pecado dos homens e do mundo.

Compreende-se assim que "a dimensão beligerante da misericórdia nada tem a ver com o ódio, revanchismo ou desabafos coléricos. Pelo contrário, é fruto do amor aos pobres e modo real de comunicar-lhes que Deus está realmente com eles"<sup>3</sup>. Onde há vida, há conflitos. O cristão, no entanto, movido de misericórdia, assume o conflito dentro e fora de si.

Por misericórdia, a exemplo do Mestre, ele é capaz de deixar-se pregar na cruz, mas não permite que seus irmãos, os outros seres humanos, inclusive os inimigos, sejam crucificados. Por esse motivo, "parafraseando as Escrituras, se pode dizer que, se no princípio absoluto-divino *está a Palavra* (Jo 1,1), e através dela surgiu a criação (Gn 1,3), no princípio absoluto histórico-salvífico *está a misericórdia*"<sup>4</sup>, e sem ela não há nem justiça, nem paz.

## NOTAS

<sup>1</sup> SOBRINO, J., *Perfil de uma santidade política*, in Concilium, n.183 (1983), p. 25-33

<sup>2</sup> SOBRINO, J., *Liberación con espíritu. Apuntes para una nueva espiritualidad*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1985, p. 50

<sup>3</sup> Id., *ibid.*, p. 166

<sup>4</sup> Id., *La Iglesia samaritana y el principio-misericordia*, in SOBRINO, J., *El principio-misericordia. Bajar de la cruz a los pueblos crucificados*, Ed. Sal Terrae, Santander, 1992, p. 33-34

Endereço do Autor:

ITESC - Cx Postal 5041  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC